



Do papel ao monitor: o jornal impresso está com os dias contados?¹

Kassieli de MELLO²
Andressa STREICHER³
Emerson SCHEIS⁴
Vanessa BRUINSMA⁵
André GAGLIARDI⁶

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

Resumo

As previsões acerca do futuro do jornal impresso divergem em vários pontos: na opinião de alguns irá acabar, já para outros irá continuar a se consolidar. No entanto, poderá ser completamente diferente do conhecemos hoje. Entender as mudanças culturais impostas pelo avanço da tecnologia é uma maneira de tentar decifrar esse longínquo (ou nem tanto) cenário, em um futuro que está sendo escrito e observado. O jornal impresso, após o advento da internet, está com os dias contados? É uma questão que, embora existam inúmeras teorias, ainda não se chegou a um denominador comum. São teses que continuam, em constantes mudanças e alterações sutis. Assim como a evolução da imprensa.

Palavras-chave: Jornal; impresso; online; digital.

Introdução

Quem é capaz de prever o futuro? Qual pessoa é capaz de determinar, de maneira eloquente, que os acontecimentos que virão serão frutos de tendências pré-determinadas dos dias atuais?

Através deste artigo pretende-se analisar e compreender como o jornal impresso será no futuro, se ainda terá circulação, ou somente será parte da história dos meios de comunicação. Para isso é preciso que se faça uma reflexão sobre a inserção social e resgate à história deste meio. A opinião de leitores na atual sociedade é fundamental no delinear de um prognóstico do impresso, em meio ao turbilhão de informações obtidas virtualmente. Os sites de notícia serão desafios a este meio que há séculos veicula o fato e gera polêmica?

¹Trabalho apresentado no DT IJ01 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: kassigmello@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: dessynhastreicher@hotmail.com

⁴ Graduado em Jornalismo na Unijuí, e-mail: Emerson.anoticia@gmail.com

⁵ Graduado em Jornalismo na Unijuí, e-mail: nessinha.bruinsma@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Unijuí, e-mail: andreg@unijui.edu.br



Do papel ao monitor: cinco séculos de informação

Circulando pelas mãos de diferentes classes sociais, o jornal impresso mudou a vida social, cultural, política e econômica das pessoas, que passaram a contar com este importante recurso na disseminação de ideias. A revolução da imprensa, através da prensa móvel, atribuída ao alemão Johann Gutemberg, no século 15, foi o que consolidou a importância da comunicação na construção da sociedade contemporânea, que já não podia mais conviver com limitação do tempo de transporte da informação. Com o acesso às informações dos jornais diários, os leitores sentavam nos cafés para discutir as notícias constantes nos jornais, a expressar suas opiniões, sendo estimulados a tornarem-se intelectuais, “Tida como um dos símbolos do Renascimento, a imprensa de caráter móvel favoreceu o rompimento da estrutura social rígida que determinava as leis, contribuindo para o surgimento de uma classe média intelectual” (BACELAR, 1999).

Atualmente, leitores escrevem suas próprias notícias e demais produtos midiáticos que veiculam pela internet gerando novas páginas. Com a popularização da internet e a expansão do ciberespaço (que possibilitou uma gama de possibilidades na busca pela informação), as páginas dos impressos esforçam-se para conquistar os leitores visando a releitura de um assunto que instantaneamente leram em um site. As diferenças de classes sociais presentes no Brasil não impedem que o ambiente virtual seja comum à maioria; estas mudanças de hábitos são incentivadas por programas governamentais que visam levar o acesso à internet para as classes desfavorecidas, promovendo o poder de acesso à informação.

Em meio ao turbilhão de informações online disponíveis, somente alguns meios de comunicação são escolhidos como fonte na busca das informações necessárias e também daquelas que aleatoriamente chegam ao conhecimento dos públicos, se tornando tão interessante quanto todas as outras. Mas não é para sempre que estes meios poderão contar com a fidelidade de seus internautas, pois muitos se verão fígados pelo imediatismo de novos canais que surgem no mercado com notícias claras e de fácil acessibilidade. Segundo Lúcia Santaella:

Quando os meios eletrônicos tiram do jornal impresso o primeiro lugar na fila dos acontecimentos, a necessidade de veicular informações que cheguem além de um mero mostruário de fatos obriga o jornal a penetrar a crosta aparente dos fenômenos – e agora é a sua vez de questionar sua própria ilusão de imparcialidade objetiva,



repensando suas funções e seu ser de linguagem (SANTAELLA, 2000, p. 53).

A perda de exclusividade do impresso como meio de transmissão de cultura o levou a adaptar-se com o uso de imagens, endereços de sites nas notícias e, até mesmo, quebras nos textos, decorrentes da influência do ambiente de midiatização que respira. Mas mesmo o jornalismo impresso continua com seus trunfos, pois, ao se deparar com uma notícia mais longa no meio online, o internauta fará a impressão da mesma, pois a leitura do texto longo continua sendo atributo do impresso por sua portabilidade, que independe de recursos tecnológicos.

Sua perda como único meio no ramo não representa o iminente fim do impresso, pois o mesmo continua a agregar conhecimentos àqueles que buscam por uma informação interpretativa através de reportagens, as quais servem como fonte de um conhecimento mais amplo. O texto jornalístico estampado no jornal é resultado de verificação a campo, pois é produto de um meio que ainda investe neste recurso como qualidade na informação.

A diferença entre a leitura de jornais impressos e digitais

Com tantos recursos, a mídia digital utiliza-se grandemente do texto escrito, o que não significa que todos os textos migrarão para o meio digital. Segundo Logan (1999), físico e educador, “os impressos possuem como potencial que o sustenta o conforto que oferece na leitura de um texto”. Logan afirma ainda que “a leitura em monitores não é uma atividade natural, pois o cérebro processa a informação em vídeo. Ler é uma atividade executada pelo lóbulo esquerdo do cérebro e, ver um vídeo pelo lóbulo direito, causando um conflito quanto à leitura direta no monitor”. Por isso, a internet se mostra como uma mídia privilegiada para textos curtos e mensagens multimídia.

As mensagens elaboradas por meio da internet se utilizam de mídias que oferecem ao leitor atualizações constantes sobre um ou mais assuntos ao mesmo tempo. Estes avanços tecnológicos aceleram o processo dos meios de comunicação, os quais sempre foram instrumentos do desenvolvimento intelectual, econômico e social. Por isso o jornalismo, que sempre contribuiu oferecendo ao cidadão o panorama regional e nacional dos acontecimentos por meio do impresso, passa a ser ainda mais importante na vida da população, a qual pode obter constantes atualizações, personalizadas.



O jornalismo – acentua- vive do cotidiano, do presente, do efêmero, procurando nele penetrar e dele extrair o que há de básico, fundamental e perene, mesmo que essa perenidade valha, apenas, por alguns dias ou por algumas horas (BELTRÃO, 1969, p. 16).

Até mesmo um movimento do meio digital pode tornar-se notícia no meio impresso, gerando repercussão nos meios online e off-line. Onipresentes, as tecnologias suscitam a ideia de abandono da comunicação de massa, em contraponto à comunicação em rede, pois a popularidade e expansão da web, com suas potencialidades de alcance e agilidade de atualização, mascaram processos complexos que surgiram anteriormente ao advento da internet. Ainda hoje, alguns hábitos fazem do jornal um recurso diário indispensável, pois o leitor que espera no consultório médico, dentro do carro ou até mesmo tomando café da manhã, não dispensa o prazer da leitura do texto impresso.

E o que dizer do futuro do jornal? Ele sem dúvida sobreviverá, com algo a mais de redução de mercado na fatia de mercado. (...) Ele fornece certos serviços e informações ímpares. Quando o jornal não chega, sua falta é sentida com tristeza. Evidentemente que desempenha um papel em nosso sistema de comunicação que provavelmente será substituído por outras coisas no presente. Por conseguinte, embora nova mídia, e possivelmente outros veículos a surgirem constituam um desafio ao jornal, ele perdura como complexo cultural institucionalizado e uma de nossas formas de comunicação de massa (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 79).

É preciso reconhecer que nem todas as práticas sociais são totalmente modificadas pelas tecnologias de comunicação. Na sociedade em rede ainda permanecem reflexos da sociedade de massa, assim como aspectos culturais, políticos e econômicos anteriores à própria massificação dos meios de comunicação. A sociedade que hoje é perpassada pelas mídias, constituiu-se – e continua a se constituir – a partir de situações históricas de nível político, econômico, religioso e cultural, conforme descrito anteriormente. Nem todo o leitor acompanhará o ritmo acelerado de mudanças tecnológicas, pois a falta de habilidade com tais equipamentos ou a falta de recursos financeiros em determinados segmentos sociais ainda podem ser impedimentos para que a mídia digital seja acessada por meio de um tablet ou smarhpone. Outro ponto a ser pensado é que, apesar de a estrutura e funcionalidade do texto serem diferenciadas pela forma como a história é contada, acaba se sobressaindo a informação, com destaque para a matéria que envolve o leitor. No meio impresso o jornalismo investigativo ainda



é mais estimulado, onde o profissional que sai às ruas cobrir um fato recorre a fontes presentes pode ser surpreendido por uma situação que renda notícia enquanto ainda está a caminho do jornal.

O jornal de papel na era digital

Já fazem cerca de dez anos que a morte do jornal impresso no formato que conhecemos foi decretada por muitos analistas e estudiosos de comunicação. Estes, de uma forma ou de outra, veem (ou pelo menos viam) esse veículo em um processo de extinção. Isso se deve ao surgimento de novas mídias, supostamente mais rápidas, práticas, acessíveis e que, em questão de pouco tempo, substituiriam o papel e a tinta como mensageiros de informações importantes para a vida em sociedade.

Porém, em meio a tantas hipóteses, a própria realidade se encarregou de mostrar que não é bem assim. Desta forma, faz-se necessário a seguinte pergunta: “com a popularização dos sites de notícias, o jornal impresso está com os dias contados?” Sobre essa pergunta, informações veiculadas no Brasil pelo portal do Comunique-se (www.comunique-se.com.br), Rupert Murdoch, dono de estúdios de cinema, redes de TV e, principalmente, de jornais como o “New York Post” e o consagrado “Wall Street Journal”, disse simplesmente o seguinte: “Os jornais vão alcançar novos ápices no século XXI”. Segundo ele, por causa de um motivo muito simples: o valor de suas marcas. “Os leitores querem o que sempre quiseram: uma fonte confiável. Essa sempre foi a tarefa dos grandes jornais do passado. E é o que continuarão a fazer os grandes jornais no futuro”, disse ele.

Depois de passarem por um longo período de perda de circulação e publicidade, os jornais impressos do Brasil estão indo contra as previsões pessimistas que apontavam sua extinção. Isto ocorre devido ao fato de estarmos vivenciando uma época de multiplicação dos meios de comunicação, como o aumento desenfreado da utilização de mensagens via celular, o surgimento da nova geração da internet e o crescente aumento na disponibilidade de conteúdos informativos em websites, blogs e redes sociais, dos quais grande parte deles apresenta conteúdos fortemente jornalísticos.

Com relação ao processo de renovação das mídias, e deixando bem clara a visão comercial que tornou uma celebridade polêmica no meio jornalístico, Murdoch afirma:

O nosso negócio não é imprimir em árvores mortas. É dar aos nossos leitores bom jornalismo. É verdade que nas próximas décadas as versões impressas de alguns jornais irão perder circulação. Mas se os



jornais fornecerem notícias em que os leitores possam confiar, nós veremos ganhos em circulação – nos nossos sites, no RSS, no e-mail e no telefone celular. Neste século, a forma de entrega talvez mude, mas a audiência potencial para o nosso conteúdo será multiplicado (MURDOCH, 2008).

O custo menor da produção do webjornalismo comparado à indústria do jornalismo convencional, impulsionou a proliferação de sites exclusivos na rede e de versões digitais do conteúdo dos jornais impressos.

Adaptações para o meio on-line

É importante examinar as tendências que fazem o jornalismo sofrer transformações quando a internet se estabelece na rotina de quem faz jornalismo e de quem o consome. O marco histórico do webjornalismo ocorreu em março de 2010, em um cenário no qual vários empresários repensavam novos modelos de negócio. Por estarem perdendo leitores de jornais impresso, procuravam outras formas rentáveis que incluía cobrar parte do conteúdo nas versões de seus jornais na internet.

O Jornal do Brasil (JB) lançou a primeira cobertura completa em 28 de maio de 1995, com a última edição em papel datada em 31 de agosto de 2010. Depois, só a versão digital. O UOL lançou, em 1995, o Brasil OnLine, primeiro portal verdadeiramente em tempo real. O jornal O Estado de S. Paulo, conhecido por Estadão, redesenhou em março de 2010 as versões impressas e on-line em conjunto. O jeito de ler impresso na internet seguiu a maneira de vários outros, onde o usuário pudesse ler como se estivesse folheando.

Interatividade

A interatividade obtida por meio da era digital resultou no feedback por parte do internauta. No momento em que ele pode comentar abaixo das matérias criando um efeito nessa informação ele se aproxima, pois, tendo um espaço para opinar, o internauta cria um vínculo especial com o conteúdo e, conseqüentemente, com o veículo de informação. Os primeiros a permitirem comentários foram os blogueiros; hoje, quem proporciona comentários são todos aqueles que se preocupam com o retorno de sua audiência. O jornalista Francisco Madureira ao falar de interatividade afirma que:

No jornal impresso, o foro de interatividade com os leitores é a seção de cartas. A interação do usuário é folhear o papel, ir e vir no texto.



Em geral, o papel é tido como veículo de mão única e segue a teoria da comunicação clássica. Na internet, a interatividade começa pelo clique, que libera o usuário a seguir o próprio caminho. Além disso, ferramentas como enquetes, fóruns, e-mail e blogs aumentam a sensação de participação na construção do noticiário (MADUREIRA, 2012).

Acerca da velocidade da informação e dos recursos disponíveis para a convergência de mídias (o que possibilita um enriquecimento da informação com a união de fotos, textos, vídeos etc.), é inegável ressaltar que a internet veio para ficar. Imaginar um mundo, hoje, sem internet, é impossível, tendo em vista as facilidades que a sua aplicação permite no cotidiano de qualquer pessoa. Além de ser uma das principais raízes da globalização, o advento dos recursos online possibilitou o contato instantâneo entre pessoas de qualquer parte do mundo em tempo real, e também a instantaneidade, marco incontestável do jornalismo digital.

Paradigmas

O jornal impresso, instalado no Brasil desde 1808 com a Gazeta do Rio de Janeiro (primeiro jornal com licença de impressão no país durante a Imprensa Régia) foi, durante muito tempo, o principal meio de informação impresso acessível à população. E, durante os séculos vindouros, o jornal impresso manteve uma posição consolidada, tendo em vista que, ao contrário do rádio e da televisão (nos quais as informações, geralmente, são transmitidas com rapidez e, conseqüentemente, sem muito aprofundamento no conteúdo), o jornal impresso possibilitava reportagens mais elaboradas. Além disso, a facilidade de manuseio possibilitava que o jornal impresso pudesse ser lido em qualquer lugar, seja no escritório como no ônibus e até mesmo no banheiro.

Porém, com o avanço da internet, as empresas proprietárias de veículos de comunicação viram nesse recurso uma valiosa ferramenta de inserção aos novos públicos. Com despesas muito menores que uma gráfica impunha à impressão de periódicos, a proliferação de sites de notícias aumenta a cada dia. Até mesmo os tradicionais jornais, hoje, em sua maioria, possuem páginas online de divulgação do conteúdo impresso. No entanto, esta tendência é uma ameaça real para os tradicionais jornais impressos? Analisando o futuro do jornal impresso e as perspectivas quanto à concorrência imposta pelos outros meios, principalmente pela internet, o diretor do



Jornal e Gráfica A NOTÍCIA Ltda. De São Luiz Gonzaga, o jornalista José Grisolia Filho, destaca a necessidade de adaptação e reformulação dos meios impressos.

O futuro dos jornais impressos

Embora admita que os jornais online vieram para ficar, José Grisolia Filho é categórico para prever o cenário dos impressos no futuro: “Assim como o rádio, que teve sua morte decretada pelo advento da televisão, o jornal impresso está na mesma situação. Porém, assim como o rádio não deixou de existir, o impresso também não se extinguirá, não em um futuro próximo. Acredito que, por um bom tempo, as edições de A NOTÍCIA ainda estarão sendo entregues nas portas das casas dos assinantes”. Porém, para esta previsão se consolidar, é necessário criatividade e adequação.

Para José Grisolia Filho, hoje, é inviável abrir um veículo de comunicação voltado ao meio impresso. “Os jornais que estão no mercado atualmente conseguem sobreviver graças à sua tradição, pois, o custo de montar uma empresa gráfica e contratar funcionários é altíssimo e, até a consolidação de um número expressivo de assinantes e anunciantes, este jornal iniciante já estará fechando suas portas”, reflete o diretor de A NOTÍCIA. Segundo ele, “o principal rumo que os velhos jornais têm de tomar é seguir a tendência tecnológica e se adaptar aos novos tempos, usufruindo dos recursos disponibilizados, como a internet e suas facilidades, e aliar a tradição na credibilidade da informação com a busca pela renovação, evitando, assim, repetir o mesmo fim que teve o Jornal do Brasil, que parou suas rotativas e migrou totalmente para a internet, perdendo, com certeza, uma boa parte de seu retorno financeiro”.

A opinião dos leitores

Através de enquete realizada entre os meses de setembro e novembro do ano de 2012, com pessoas residentes nos municípios de Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa e São Luiz Gonzaga, foi consultada a opinião das mesmas quanto à seguinte pergunta: “Com a popularização dos sites de notícias o jornal impresso está com os dias contados?”. Esta enquete teve como objetivo, colher o depoimento do público consumidor dos produtos de informação oferecidos pelos dois tipos de mídia, de forma a ressaltar o sentimento da população quanto ao referido questionamento.

Com a participação de 15 pessoas, a pergunta estabelecia uma justificativa para cada opinião. Dos 15 entrevistados, 13 (86,6%) afirmaram que o jornal impresso não deixará de existir, pelo menos por enquanto. Apenas duas pessoas (13,3%) opinaram



que, como advento dos sites de notícias, o jornal impresso está próximo da extinção. Esta pesquisa (anexo) reforça, em conceito, que o jornal impresso segue o mesmo caminho do rádio, ou seja: pode até não deixar de existir, mas terá de conviver com meios de comunicação cada vez mais atualizados e, por isso, será necessária a adaptação e a busca por renovação quanto ao seu principal produto, que é a informação.

Considerações finais

Explicar o fenômeno do jornalismo digital não é uma tarefa fácil. Mesmo os grandes estudiosos do ramo, até hoje, formulam hipóteses e teorias acerca dos caminhos que os veículos de comunicação percorrem devido a expectativa da transição dos meios.

É inegável afirmar os benefícios trazidos pelo advento da internet e das tecnologias quanto à produção de conteúdo e veiculação de informações. Omitir-se nesta afirmação é renegar o desenvolvimento e evolução de toda a sociedade, movida em conjunto com a globalização. Porém, o jornal impresso, com todo o seu sistema de impressão e custos embutidos, está realmente com os dias contados, vindo a migrar totalmente para o meio digital?

Assim como o rádio, que sobreviveu ao advento da televisão, a velha imprensa ainda parece resistir, fazendo se necessário o acompanhamento do processo de migração que ainda tem continuidade e promete uma interessante mudança de comportamento não somente por parte dos consumidores, mas sim dos meios que se adaptam ao meio online. Buscando inovar, os veículos de comunicação, ao que tudo indica, estão mais preocupados em aliar as novas tecnologias para o seu benefício do que ir contra a maré de mudanças. Se o jornal impresso irá ser extinto com os anos, resultado da falta de demanda, e virá a ser algo completamente diferente no futuro será um assunto que, talvez, somente nossos as futuras gerações poderão vislumbrar em anos que ainda estão por vir.

Referências bibliográficas

CAVERSAN, Luiz. **Introdução ao jornalismo diário** : *como fazer jornal todos os dias*. Volume 1 / Magaly Prado (org.). - São Paulo: Saraiva,2009.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro, 2011.



MURDOCH, Rupert. Citação disponível em: <www.comunique-se.com.br>. Acesso em: 20 set. 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 4ª edição. São Paulo. Ed. Ática, 1990.

BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da Comunicação de Massa**; tradução da 5ª ed. Americana, Otavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SANTAELLA, Lúcia; **Cultura das Mídias**. 2ª edição. São Paulo: Experimento, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2011.

Anexo

“Com a popularização dos sites de notícias o jornal impresso está com os dias contados? Por quê?”

Bruno Maciel, 23 anos:

“Não, mas ele terá que fazer um reposicionamento de público, pois realmente hoje ele está perdendo espaço para as mídias digitais, mas creio que com um novo posicionamento, tanto no público que ele atinge mas também na forma de como as notícias são levadas ao leitor, podem ainda fazer do jornal algo mais atraente ao leitor, e mais rentável aos anunciantes.”

Lairton Oliveira, 24 anos:

“Apesar do acesso aos meios digitais estar cada vez mais popularizado, da conexão em tempo integral das pessoas com os meios de comunicações eletrônicos, acredito que a mídia impressa ainda tem vida longa. Além do fato de as muitas pessoas preferirem folhear os jornais para ter acesso às notícias, contribui para a sobrevivência dos jornais o fato de que muitas pessoas não possuem tanta facilidade de acesso aos meios eletrônicos. Acredito também, em se tratando de leitura, nada como folhear um bom jornal, uma boa revista e até mesmo um bom livro. Porém, como a vida é dinâmica e os costumes vão se alterando com o decorrer do tempo, talvez, daqui a umas duas ou três gerações, pode a mídia impressa ceder totalmente o espaço para os meios digitais. Este fato, conservadora e românticamente falando, seria uma pena, pois penso que apesar de a internet democratizar o acesso a informação, não se tem um controle de qualidade do que é transmitido. Já um jornal, uma revista ou mesmo um livro, para alcançar uma tiragem que justifique o custo, tem que ter atingido um padrão de qualidade aprovado por boa parte dos leitores e da crítica.”

Mateus Ludwig, 19 anos:

“A população está acostumada com os jornais impressos, é algo mais fixo, palpável. Então acredito que se for substituído, isso acontecerá daqui uns 20 anos. Sendo assim, deixo aqui uma pergunta: Você gosta de ler algo no computador (um livro) ou prefere ler em livro impresso?”



Jéssica Schuh, 20 anos:

“Sim, porque hoje em dia fica muito mais fácil para a poluição acessar um site junto ao seu trabalho do que parar para pegar um jornal e ler. Assim ele pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo, pois a maioria utiliza um computador diariamente, sendo que esse meio não gera custos nenhum, é só acessar a notícia.”

Maria Gabriela, 23 anos:

“Acredito que não, apesar da popularização ainda há os que mantêm como uma tradição a leitura de jornais impressos, principalmente os mais antigos. Eu particularmente, gosto de folhar um bom e velho jornal.”

Christyam Silva, 19 anos:

“Mesmo com a popularização da internet e dos aparelhos (note/netbook, tablet...), muitas pessoas ainda não tem acesso a isso, principalmente tratando-se de Brasil. Então acredito que o jornal até possa ser substituído, assim como os livros, por assinaturas digitais, mas isso somente quando todos puderem ter um aparelho desses, internet boa e pública/barata, ou seja, aqui, num futuro ainda muito distante.”

Bruno Almeida, 24 anos:

“Sim, por causa da acessibilidade, baixo custo, não é necessário assinar para acessar as informações na mídia digital, é gratuito.”

Bárbara Almeida, 18 anos:

“Não, pois atinge a todas as idades, desde crianças a idosos. A tecnologia é afetada por problemas como sinal, o jornal depois de chegar às mãos dos leitores sempre poderá ser lido.”

Talita da Costa, 27 anos

“Não, o jornal impresso sempre existirá, pois é mais acessível no que diz respeito a sua portabilidade e acessibilidade em locais tradicionais, como clinicas e consultórios, entre outros.”

Thiago da Silva Alves, 30 anos:

“Não, muita gente prefere ter o jornal em mãos, principalmente as pessoas de mais idade, devido à falta de afinidade com as tecnologias.”

Antonio Carlos Lamas Alves, 50 anos:

“Não, por causa da cultura do povo brasileiro de ler jornal, é um costume passado de geração em geração.”

Wilton Rodrigues Paz, 61 anos:

“Não, pois nem todos têm acesso à internet.”

Junior Paz, 28 anos:

“Não, porque as pessoas não devem confundir ou misturar as coisas, pois tudo o que é pegado na mão para ler (material) dá mais prazer. Ex: Comparação entre ler um livro ou um e-book, tem o mesmo conteúdo mas a forma que você interage com eles é diferente.”



Neli Paz, 54 anos:

“Não, pois as pessoas ainda valorizam a leitura por meio do toque, folhear um livro ou um jornal.”

Gabriela Reolon Cruz, 25 anos:

“Não, por que, mesmo que a internet tenha facilitado o acesso à informação, a credibilidade de um meio de comunicação impresso ainda é essencial. Como o conteúdo digital é de fácil manipulação (e já vimos várias *pegadinhas* envolvendo produtos midiáticos na rede), a perenidade e solidez de um jornal impresso (uma vez que não há possibilidade de alteração no conteúdo após sua impressão) são fatores que denotam a confiança e ressalta o profissionalismo da velha imprensa.”